

AMÉLIA, MULHER DE VERDADE

Maria das Neves Franca
Professora de Filosofia

Leio mais uma vez a Carta a Meneceu e aprecio o hedonismo de Epicuro, tantas vezes confundido com a defesa do gozo imoderado dos prazeres mundanos. Escrita para um jovem discípulo, a carta é curta, clara e prática. Diferente de tratados longos, com um tom apaixonante, arrebatador até – que mistura afeto e instrução – Epicuro fala de modo direto ao discípulo sobre a verdadeira “arte de viver”. Exorta-o a praticar e cultivar aqueles ensinamentos, na certeza de que “constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz”.

É provavelmente o texto mais conhecido de Epicuro e funciona como uma síntese acessível de sua filosofia moral. Condensa o essencial da ética epicurista: como viver de forma simples, prazerosa e livre de temores inúteis, que só causam angústia. Afinal, a vida não é feita para ser um campo de batalha, mas um jardim, para gozo de prazeres simples e autênticos, como a escola fundada por ele, no campo, à margem dos grandes centros filosóficos oficiais, e que se tornou um bastião de resistência e núcleo de liberdade.

Ali, como foi dito, ele ensina a seus discípulos e amigos a arte de viver bem, os elementos fundamentais para uma vida feliz: uma existência pautada pela frugalidade, pela amizade e pela busca do prazer autêntico, nascido da satisfação dos desejos e eliminação de toda dor (aponia) e de toda perturbação na alma (ataraxia). *Carpe diem* é a máxima latina que reflete o epicurismo: colha o dia, aproveite os bons momentos, fique em condições de experimentar o prazer na vida.

Isso não significa que Epicuro defende uma existência desregrada, licenciosa e libertina. Ele acreditava que todo ser humano deseja naturalmente o prazer, mas entendia o prazer não como excesso, e sim como equilíbrio, medida e serenidade.

Elaborando uma reflexão sobre as condições do prazer, ele faz uma tipologia dos desejos humanos, que permanece tão célebre como a alegoria da caverna de Platão ou o rio de Heráclito. De acordo com essa tipologia, o prazer se conquista mediante a realização dos desejos naturais e necessários, aqueles presentes nos homens e nos animais, como comer para matar a fome, beber para acalmar a sede, proteger-se contra o frio, pelo fogo ou pelas roupas, abrigar-se contra

os perigos da natureza, pela moradia. Esses desejos necessitam de satisfação, sob pena de conduzirem à morte. São desejos que têm um limite preciso, propiciam prazer e trazem felicidade verdadeira.

Diferentes desses são os desejos naturais e não necessários, como buscar comidas sofisticadas, luxo ou prazeres sensoriais em excesso. Não são desejos nocivos por si, mas podem gerar dependência ou inquietação. Somente de vez em quando podemos nos conceder o prazer de satisfazê-los. Há, ainda, na classificação epicurista, os desejos não naturais e não necessários, ignorados pelos animais e inventados pelos homens, como fama, poder, riquezas infinitas. Estes nunca devem ser satisfeitos. São desejos que, uma vez realizados, voltam intactos, inteiros, tornando-nos insaciáveis, trazendo angústia, e conduzindo a uma vida infeliz.

Viver bem, para o velho hedonista da ilha de Samos, é se afastar de toda crença, não desejar prazeres inacessíveis, contentar-se com pouco, eliminar todos os desejos supérfluos, artificiais, não ter medo, não alimentar superstições. Assim, a ética epicurista é uma arte de viver com sobriedade e liberdade interior, libertando-se de medos (especialmente da morte e dos deuses) e escolhendo prazeres que promovam equilíbrio e serenidade.

A ética epicurista não é um convite à resignação ou à renúncia amarga, mas à doçura do simples: viver sem excessos, escolher prazeres que não tragam grilhões, deixar-se conduzir por uma serenidade que é mais profunda que qualquer gozo momentâneo.

Sendo assim, penso agora que Amélia, aquela da canção de Ataulfo Alves e Mário Lago, está muito próxima da lição epicurista: saber contentar-se com o necessário, não ser escrava do supérfluo, viver de modo simples e, ainda assim, afirmar a vida. Nessa moldura do hedonismo de Epicuro, ela não aparece como a figura frágil e resignada que o senso comum sugere, mas como alguém que faz da escassez uma força. Ela não se lamenta, não se deixa dominar pela falta, antes encontra dignidade no pouco que possui. Epicuro diria que ela descobriu a plenitude do mínimo — um poder silencioso que liberta da tirania do desejo sem fim.

Amélia não se lamenta da pobreza, nem se revolta contra a falta. Ela acolhe a vida sem se lastimar, sem requerer que poderia ser outra. Isso a aproxima de uma sabedoria vital, onde a pobreza se converte em potência de resistência e de serenidade.

Há, penso, coragem nesse gesto: a de não medir sua felicidade pela régua dos outros, mas pela paz consigo mesma. A adversidade não é fardo, mas potência. Amélia, nessa leitura, é uma sábia popular: vive sem medo da falta, porque já habita a abundância do essencial. Ela

não é apenas uma personagem de samba — ela pode ser lida como uma filósofa anônima, uma mulher que, sem livros ou tratados, vive na carne a sabedoria que Epicuro pregava em seu jardim. Ela não se perde na busca por luxo, nem na ânsia de reconhecimento social. Não mede seu valor por adornos, roupas ou riquezas. Amélia parece saber, intuitivamente, que os desejos vãos só geram inquietação. Há nisso uma potência imensa: Amélia não se queixa, porque não mede a vida pela falta, mas pela inteireza com que a vive.

A força de Amélia vai além da frugalidade: é também coragem de amar sua vida sem ressentimento, de abraçar sua condição sem vergonha, de encontrar beleza mesmo onde não há fartura. Essa coragem a aproxima da verdadeira sabedoria, que não depende de abundância, mas da arte de viver em paz, em serenidade, no dizer de Heidegger. Serenidade como a capacidade de deixar as coisas serem o que são, serenidade que não é passividade, mas um estado ativo de abertura, de escuta, de receptividade ao ser. É um exercício de liberdade, que se afasta da pressa, do cálculo, da exploração incessante, e pode reencontrar, nessa postura, o sentido mais profundo da existência.

Sob essa luz, Amélia é uma mulher epicurista: não porque estudou Epicuro, mas porque soube, com simplicidade e firmeza, fazer da sua condição potência, da ausência plenitude, da vida dura uma vida feliz.

Amélia caminha leve pela vida. Não carrega o peso da falta. Isso não é resignação, é escolha íntima: a de não dar ao supérfluo, NÃO DAR AO QUE LHE FALTA, AO QUE LHE ESCAPA, O PODER DE DITAR SUA ALEGRIA.

Há coragem em sua doçura: a coragem de não se queixar, não porque não sofre, mas porque não faz do sofrimento o centro de sua vida. Amélia não implora à fortuna o que ela não dá; recolhe da vida o que ela oferece e, com mãos firmes, transforma escassez em potência, força, amor fati, no dizer de Nietzsche.

Se Epicuro tivesse conhecido Amélia, talvez dissesse: “Eis aqui uma discípula do meu jardim, que aprendeu sem me ouvir que a felicidade não está no excesso, mas na serenidade.”

Entendo que a aceitação de Amélia não é mera resignação. Epicuro a veria como uma mulher que transforma a simplicidade em contentamento; Nietzsche poderia vê-la como alguém que pratica, mesmo sem saber, o amor fati: não rejeita a condição em que vive, não se lastima ou se lamuria, mas abraça a vida com força e coragem. Sua aceitação não é resignação, é um

ato de potência, ela diz SIM à vida tal como ela se apresenta. Esse SIM é para Nietzsche a marca de quem cria valor a partir do próprio destino, em vez de negar ou ressentir-se dele.

Amélia é, assim, filósofa sem livros, mestra do contentamento. Sua grandeza está no gesto singelo de amar a vida como ela é. E, nesse amor corajoso, encontra o segredo da verdadeira liberdade.

Diferentemente dos homens, a mulher conhece um tipo de coragem que se ancora no cuidado e na aceitação da vida como ela vem. A maternidade real ou simbólica dá à experiência feminina uma intimidade radical com o limite, a falta e o risco: parir, gestar, nutrir é conviver com dor e amor misturados, com abundância e carência entrelaçados. Assim, talvez Amélia consiga transformar a pobreza em potência porque está ancorada nessa experiência de gerar e sustentar a vida, apesar da escassez. Para muitos homens, cuja identidade está historicamente vinculada ao poder, ao domínio e à conquista, aceitar o pouco mantendo a serenidade poderia soar como fraqueza. Para Amélia, ao contrário, é força, a força de quem sabe que a vida floresce mesmo no chão árido, mesmo sangrando todos os meses. Em termos nietzschianos, poderíamos dizer: o homem nobre afirma a vida pela conquista; Amélia afirma a vida pela aceitação corajosa, que é um vigoroso SIM ao destino.

Nessa fusão meio maluca de perspectivas a que me entrego na minha reinação hermenêutica, tiro Amélia da leitura estreita da fraqueza e da resignação e recoloco-a num outro horizonte, mais alto. Amélia deixa de ser símbolo de carência, resignação e passividade e se torna imagem de potência, uma mulher que no limite da escassez, encarna tanto a liberdade e serenidade epicurista, quanto a força afirmativa nietzschiana. Amélia era sim mulher de verdade. A saudade dela cantada no samba é a saudade de uma força autêntica, que não precisava de ornamentos para ser inteira.

Mas... aqui vem um detalhe interessante: nas referências a Amélia na letra da canção, é o pretérito imperfeito que é usado. Esse tempo remete a um passado não perfeito, não definitivamente concluído. Sugere que Amélia ainda vive não apenas como memória, mas como ideal presente na vida do antigo companheiro. Ela é modelo de força e de simplicidade que ele compara à atual, que não alcança a mesma profundidade.

O que talvez ele não saiba é que enquanto ele canta a saudade como um lamento, Amélia transformou a solidão em estrada. Nela, prosseguiu inteira. Forte e suficiente, avança completa. Amélia é, sim, mulher de verdade. Sem Referências (informação da autora).